

produção, de nacional para estrangeiro, na área da comercialização — e que continua a pesar bastante na balança de comércio externo, mesmo nos dias atuais. Surge, com o chamado “modelo brasileiro de desenvolvimento”, entretanto, um setor moderno primário-exportador, baseado principalmente em minérios — do tipo daquele que decorre na função da Companhia Vale do Rio Doce e de sua associação com os grandes monopólios siderúrgicos norte-americanos, para exploração e exportação de minério em Minas Gerais e no Pará, principalmente. Este setor primário-exportador vai em ascensão, enquanto o outro, o tradicional, entrou em declínio. A fase do café, pelo menos nas dimensões e nos moldes tradicionais, está próxima do fim.

No setor industrial, acontece a mesma coisa, pouco mais ou menos: mas, aqui, a área tradicional está em franco processo de liquidação, reduzida a umas poucas empresas, ou grupos de empresas, geralmente familiares, ditas “fechadas” porque controladas por poucos sócios ou por membros da mesma família. As estatísticas assinalam, com triste eloquência, como, entre o poderio do Estado, de um lado, e dos monopólios estrangeiros, de outro, a empresa privada nacional vai sendo triturada e compelida ao desaparecimento, sem direito sequer ao mercado interno, que a legislação lhe reservara, de velhos tempos, ou tinha a intenção de reservar. No setor fabril, ou funcionam as empresas estatais, e estas produzem, via de regra, apenas matérias-primas, ou as multinacionais, a partir de certo nível de grandeza. A pequena e a média empresa, de capitais nacionais, tende a desaparecer. Ela é, muitas vezes, na realidade, pouco rentável e, quanto à famigerada produtividade, não constitui nenhum exemplo eloquente. Mas isso não deriva de seu caráter nacional.

Na indústria, pois, o processo histórico assinalou etapas facilmente identificáveis. Na primeira, à época em que vigorava o célebre refrão do “essencialmente agrícola”, ela procurava vencer as dificuldades iniciais, atendendo ao mercado interno e lutando para que este, por força do protecionismo, lhe fosse reservado; na segunda, conhecida como de substituição de importações, valeu-se de emergências protecionistas e do desenvolvimento interno de relações capitalistas, para crescer e competir, no mercado interno, com os monopólios estrangeiros; na terceira, quando se abrem as perspectivas de desenvolvimento autônomo auto-sustentado, o processo é interrompido pela implantação do cha-